

Do Cancioneiro ao Herbário: Notas sobre a Flora do *Clássico das Odes*

FERNANDA DIAS*

RESUMO: Símbolo de fecundidade, de renovação e da perenidade da natureza, reconhecidas por muitas culturas como avatares dos deuses, as plantas estão na base de mitos e lendas com que os grupos humanos primordiais explicaram o retorno da vida. Atribuíram-lhes simbolismos que perduram até hoje; contudo, quando se trata do *Shi Jing*, a interpretação desses símbolos varia conforme os leitores e os fins a que se destina a leitura deste *Clássico*. Antologia de poesia, registos históricos ou manual de moral e costumes, todos esses subtítulos farão justiça ao 詩經 *Clássico da Poesia* ou *Clássico das Odes*. Ao longo dos séculos os comentadores não deixaram de sublinhar os valores que intentavam realçar. A ciência de hoje vem em socorro desses estudos, iluminando as espécies da flora consagradas na literatura à luz da botânica e de novas abordagens da etnobotânica.

Em 2015 foi atribuído o prémio Nobel da medicina à cientista chinesa Tu Youyou, pela descoberta de novas terapias no tratamento da malária. A farmacologista descobriu *Artemisinina*, o componente activo da planta artemísia. Do encontro da milenar medicina chinesa com a moderna bioquímica a ciência produziu um novo medicamento. Confirma-se que, no herbário do *Shi Jing*, nem uma só espécie é insignificante.

PALAVRAS-CHAVE: *Clássico das Odes*; Flora simbólica; Cultos agrários; Cânticos nupciais; Versões comparadas de poemas do *Shi Jing*.

A flora poética: Uma leitura do *Clássico das Odes*

Através dos signos, obedecendo completamente a um ritmo primordial, uma palavra explodiu e extravasou para todos os lados o seu acto de significância.

François Cheng ¹

*Residente de Macau desde 1986. Publicou poesia, ficção, e tradução em co-autoria com a investigadora Doutora Lee Shuk Yee. Manteve paralelamente actividade como artista plástica. Em 2017 defendeu tese de Mestrado em Comunicação, Cultura e Artes, Especialização em Estudos Culturais, na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve, Portugal. O mais recente livro, *O mapa esquivo – Poemas*, editado pela Livros do Oriente em 2016, tal como obras anteriores, inspira-se na cidade de Macau.

Macao resident since 1986, Fernanda Dias has published poetry, fiction, and translation in co-authorship with researcher Dr. Lee Shuk Yee; in addition, she continued her works in visual arts. In 2017 she defended her Master's thesis in Communication, Culture and Arts, Specialization in Cultural Studies, at the Faculty of Human and Social Sciences, Algarve University, Portugal. The most recent book, O mapa esquivo-Poemas, published by Livros do Oriente in 2016, as well as previous writings, are inspired by the city of Macao.

Antes dos geomantes terem sacralizado a geografia; antes dos poetas peregrinos terem calcorreado íngremes socalcos e dos bonzos terem construído alcantilados templos e pagodes; muito antes dos engenheiros do Império terem traçado canais e domado as águas; e de gerações de artífices terem dominado o fogo para atingirem a perfeição da sublime porcelana, e domesticado vermes para chegarem ao inexprimível esplendor da seda; antes de terem tirado da casca rugosa o suave papel que dá suporte à triple arte da caligrafia, poesia e pintura; antes dos letrados estetas se terem apropriado dos cânticos rurais... ao longo dos atalhos sinuosos e dos íngremes socalcos das cinco montanhas

sagradas, pelas várzeas férteis dos vales, nas margens dos rios e lagos, povos antigos observaram e cantaram o mundo e o fluir das estações. Cresceram em saber e arte e cresceu também o imenso amor pela Natureza. Leram nas ervas e nas estrelas; entenderam os ritmos do crescimento e intuíram os mistérios da vida.

O que chegou até nós dos seus cantares mostramos uma longa tapeçaria que exalta a actividade ancestral das colheitas, onde cada planta representada é palavra senha para um domínio da vida rural. Vemos a apanha de plantas comestíveis, medicinais, aromáticas, fornecedoras de madeira, lenha, carvão; de fibras têxteis para o vestuário e de polpas para o papel; das tintureiras, da forragem para o gado. As que dão colmo para cobrir as casas e vimes para cestaria; árvores que dão cabos de enxada, dobadeiras e teares, berços e ataúdes, caixas de ressonância para a música. Canas que dão hastes de flechas para a caça e artefactos para a pesca. Entendemos subjacente o vibrante hino à biodiversidade, nas espécies que davam abrigo e alimento aos vermes, aos pássaros, aos lepidópteros polinizadores e aos himenópteros melíferos; aos cervos da montanha e aos javalis dos vales, insondável riqueza que interessa as todas disciplinas científicas. Universo que iria alimentar a arte prolífica da pintura, da escultura, da marcenaria, da arte têxtil, e o caudal das figuras arquetípicas, paralelo ao sublime impulso civilizador do pensamento alegórico e do sentimento poético, onde enraízam as mais belas criações da dinastia T'ang:

*Spring and summer the fragrant plants grow,
In clusters of green they flourish.
In the solitude of the deserted wood,
Flowers sprout from the purple stems.
Slowly the white sun reaches journey's end,
Softly the autumn wind begins to blow.
The glory of the year wilts and falls,
Your fragrant inclination-what has come of it?*

Ch'en Tzu-Ang ²



Trichosanthes kirilowii – Guache sobre papel Johannot, segundo gravura de herbários do século XVI (D. P.), por Fernanda Dias.

O *Shih-Ching*, um dos clássicos da China, conhecido como *Livro dos Cantares* (*Clássico das Odes* ou *Livro dos Poemas*) é uma recolha de composições poéticas que inaugura a literatura chinesa, incluindo peças que datam do primeiro milénio a.C. Os diversos elementos deste Cancioneiro, composto entre 1766 e 256 a.C. por autores anónimos e transmitidos de geração em geração, teriam sido inicialmente recolhidos pelos soberanos nas digressões pelos seus domínios, ou anotados nos registos dos funcionários, os *T'sai Shih Kuan*. O intuito seria examinar e comparar os costumes das diversas regiões do Império. Contudo, essas recolhas só viriam a constituir uma obra definida quando Confúcio, a partir de cerca de três mil canções populares e cânticos rituais, constituiu a compilação de trezentos e cinco poemas, conhecida como *Shih-Ching*. Segundo alguns comentadores, as escolhas de Confúcio obedeceram mais a critérios morais do que a valores literários, argumento hoje contestado por alguns estudos.³

As odes do *Shih-Ching* aparecem agrupadas em três partes: *Feng*, ou “cantigas de costumes”; *Ya*, ou “cantares de corte” e *Sung*, “cânticos rituais”. Considerados como sendo os mais belos, os poemas *Feng*, supostamente reformulados mas de origem nitidamente popular, assemelham-se a antigas baladas medievais. A simplicidade dos temas e do estilo colocam-nos ao lado dos cânticos rurais de numerosas culturas. Estudos deste clássico têm

ETNOBOTÂNICA

abordado a interpretação simbolista; o valor pedagógico e moralizante; a recolha de tradições antigas assim como o valor documental para a análise das fontes históricas e repositório do saber natural.



Capsella bursa-pastoris – Aguarela sobre papel Arches, segundo gravura de herbários do século XVI (D. P.), por Fernanda Dias.

À semelhança do “Cântico dos Cânticos” da *Bíblia*, os cantares de amor do *Shih-Ching*, seguindo a interpretação alegórica, tornaram-se num clássico para uso escolar destinado ao ensino das virtudes sociais e até da moral política. Cruzar os poemas mais arcaicos do *Shih-Ching* com os livros fundadores das culturas da bacia do Mediterrâneo ou com as literaturas da Mesopotâmia, é um exercício que surge espontaneamente e as correspondências não raro emergem com fulgor imediato. Quando, por exemplo, constatamos como o uso medicinal e culinário das ervas silvestres contribuiu para a construção e consolidação de variados aspectos culturais na vida das sociedades. Disso nos dão testemunho manuscritos como o *tratado de Voynich*, os *Capitulares de Villis* de Carlos Magno, Livros de Horas e herbários medievais, registos do conhecimento acumulado nos mosteiros, aliado ao uso empírico do povo. A transmissão oral ia alicerçando ao mesmo tempo uma cultura identitária, entretecida de adágios de calendário, mitos e lendas, cantares e simbolismos.

Inúmeras histórias chegaram até nós sobre as virtudes das plantas. No século XVII a Europa foi atingida por uma peste que vitimava as populações. Para sinalizar as casas infectadas, os sobreviventes marcavam as paredes com cruces vermelhas. Contudo, apareciam saqueadores que ignoravam as cruces e pareciam imunes ao contágio. Conta-se que se protegiam com uma infusão de plantas em vinagre de vinho. Dessa receita de ervanário constavam arruda, sálvia, artemísia absinto, menta, alecrim, alfazema, cânfora, alho, noz-moscada, cravo e canela. Mais antigo é um texto chinês de 732 d.C. sobre as virtudes do ailanto-da-China (*Ailanthus altissima*) que anota uma receita para tratar doenças da mente: emulsão decantada e filtrada de raiz de ailanto, urina de menino e pasta de feijão de soja fermentada.

Nos poemas do *Shih-Ching* as plantas aparecem puras, isentas de adendas de superstição; subsidiárias dos ritmos da natureza. Os seus usos, intrinsecamente ligados à labuta humana são, antes de ser alegóricos,

suportes de vida. Para haver simbolismo, os códigos não se ser antes longamente partilhados, e assim globalmente entendidos e transmitidos. Enumerando as espécies vegetais que os poemas referem, partilhamos desses momentos de codificação ancestral. Os poemas do primeiro capítulo partilham com outros textos fundadores de antigas culturas o sentido obscuro que os torna território ideal para traçar mil atalhos de intertextualidade. Podemos encontrar, por exemplo, na versão do Pe. Guerra,⁴ soluções que, pelo teor e pelo ritmo, nos remetem para o *Cântico dos Cânticos*, já referido, esse outro enigmático testemunho do carácter hierogâmico e ritual dos enlaces nupciais. Vejamos esta estância onde três espécies vegetais emblemáticas das culturas mediterrânicas – a noqueira, a vinha, a romãzeira – estabelecem simbolismos para os milénios vindouros:

*Desci ao jardim das noqueiras,
Para ver os rebentos novos do vale,
Para ver se as vinhas reverdejam,
Se as romãzeiras florescem.
Num impulso... a vontade me lançou
Sobre os carros do meu povo, como príncipe!*⁵

E porque nas sociedades agrárias, os esposais se preparam e celebram em datas predeterminadas, de acordo com os ciclos da natureza, as referências aos diversos aspectos da flora nos textos fundadores devem ser entendidas não só como metáforas da fertilidade, mas também como adágios de calendário, na medida em que tornam inteligível a época do ano propícia e adequada para os encontros matrimoniais. Essa leitura dos cânticos nascidos da improvisação oral, paralelos aos ritos das cerimónias sazonais, cânticos de trabalho, e eventos familiares e sociais, permite a recuperação do sentido natural dos temas. Ainda que o restaurar desse sentido primordial passe pelo levantar de alguns véus: do simbolismo moralizante, de supostas alegorias, da visão particular de cada comentador.⁶

Porém, nem os mais impenitentes defensores da vertente moralista conseguiram expurgar dos poemas os testemunhos de uma cultura agrária organizada e eficiente, dos seus saberes sobre a fauna e a flora, patentes na manifestação de uma sensibilidade poética intensa e esclarecida. Assim o *Clássico das Odes* atravessa os séculos cumprindo o seu destino de Livro de Conhecimento.



Plantago major – Aguarela sobre papel Ingres D'Arches, segundo gravura de herbários do século XVI (D. P.), por Fernanda Dias.

ETNOBOTÂNICA

As festas rurais e o ritmo das estações

Il y a grand' chance que les poèmes qui, à première vue paraissaient de vieilles chansons populaires, aient eu, jadis, une valeur rituelle. De plus, la morale qu'on en tire par symbole s'inspire de cette idée, que les hommes doivent, comme la Nature, faire les choses en leur temps : il y a donc chance de retrouver dans les chansons les traces de règlements saisonniers.

*Marcel Granet*⁷

Segundo Marcel Granet, existe uma forte probabilidade de que muitos dos poemas do *Shih-Ching*,⁸ considerados como cânticos rurais, tenham tido outrora valor e função ritual. A interpretação moral que se pode retirar do valor simbólico decorre da tradição que as considera como obras eruditas. Assim sendo, a moral que se transmite pelo símbolo inspira-se na crença de que os homens devem agendar a vida social e os trabalhos rurais respeitando e copiando os ritmos da Natureza. Esse regular da existência ao ritmos das estações conduz a identificar alguns poemas com adágios de calendário. Marcel Granet defende a tese de que o carácter simbólico dos poemas se explica pela origem ritual, intenta demonstrar o inegável valor documental dos processos de invenção popular que decorrem da criação oral colectiva e de improvisações sobre temas recorrentes, patentes nos cânticos e danças rituais próprias de antigas festas agrárias. Considera que as canções de amor do *Kouo fong*, primeira parte do *Shih-Ching*, dão a conhecer costumes e cerimónias anteriores à moral clássica. Documentos privilegiados para o estudo das crenças que estão na base dos antigos ritos sazonais confirmam que a improvisação primordial está intrinsecamente ligada a celebrações de antigas festas agrárias, às reuniões periódicas, decorrentes do ritmo das estações. M. Granet considera que um livro tão antigo, e tão intrinsecamente impregnado da história da China, tinha que inevitavelmente inspirar aos eruditos ocidentais diversos caminhos

e incontáveis teses. A sua proposta intenta ir além da explicação literária, recorrendo não apenas aos métodos do historiador e aos textos dos comentadores, mas também à perspectiva dos etnólogos, que descrevem os factos segundo as recolhas junto dos informadores autóctones.⁹

O *Shih-Ching* está escrito numa língua antiga e complexa e a sua abordagem, no que diz respeito às canções da primeira parte, comporta numerosos desafios para os sinólogos. Recorrendo aos comentários e às edições eruditas, muitos estudos abordam a interpretação simbólica, quicá preterindo o valor estético da obra poética primordial. A inspiração que deu impulso a estas manifestações de uma língua venerável é difícil de discernir. É o que propõe Marcel Granet: «Je veux montrer qu'on peut aller plus loin que la simple explication littéraire et, par delà de l'interprétation symbolique, retrouver le sens original des chansons. Je le montrerai par un exemple, qu'est décisif.»¹⁰ E prossegue a sua demonstração escolhendo como exemplo decisivo um cântico nupcial, cuja tradução considera não oferecer dificuldades:

*Le pêcher, comme il pousse bien !
Qu'elles sont nombreuses, ses fleurs !
La fille va se marier :
Il faut qu'on soit femme et mari !*

*Le pêcher, comme il pousse bien !
Qu'ils ont d'abondance, ses fruits !
La fille va se marier :
Il faut qu'on soit mari et femme!*

*Le pêcher, comme il pousse bien !
Son feuillage, quelle richesse !
La fille va se marier :
Il faut qu'on soit un ménage !*

Le beau pêcher. M. Granet, p. 19.

Pessegueiro vigoroso
Alardeia as suas flores.
Esta moça vai casar,
Vai governar o seu lar.

Pessegueiro vigoroso
Carregado está de fruta.
Esta moça vai casar
O seu lar vai governar.

Pessegueiro vigoroso
Tem rama de cor marinha.
Esta moça vai casar,
Ter criados a mandar

Pessegueiro em flor. Pe. Guerra, pp. 148-149.

Nas versões aqui citadas o poema mantém um eixo comum, o elemento que identifica o padrão em todas as glosas: o pessegueiro, ora no esplendor da floração, ora na plenitude da maturação dos frutos. Simbolismo que se manteve legível, imagem da vitalidade da natureza, paralelo que a ode estabelece com os ciclos da existência humana. Mesmo quando o sentido dos versos muda, o cerne da metáfora vegetal confere coesão às interpretações, como na tradução do Padre Guerra. M. Granet explica: «J'ai suivi les explications des commentateurs, mais je me suis bien gardé d'introduire leurs glosas dans mon texte : si on les regarde de près, on sent combien, même pour une chanson aussi simple, l'interprétation symbolique entraîne de difficultés». ¹¹ Conclui constatando que no cântico nupcial a ideia da união conjugal está ligada ao esplendor da vegetação primaveril, patenteada no pessegueiro em flor. É a identidade vegetal em toda a sua significância que as glosas não podem adulterar, sobe pena de deslocarmos temporalmente e geograficamente a origem do poema. Se substituirmos o pessegueiro por outra árvore mítica, a laranjeira em flor, símbolo do ca-

samento no mundo ocidental, continuaria evidente a vocação nupcial do cântico. Porém, e apesar da laranjeira ser nativa da China, a paisagem cultural e mítica seria outra.

Neste contexto, o trabalho de Pan Fujung 潘富俊¹² sobre a flora do *Shi Jing* contribui incontornavelmente para leituras realistas do significado patente nas espécies vegetais citadas nos poemas. Dados preciosos sobre a actividade dos povos que criaram os poemas em áreas tão diversas como manufacturas, nutrição, aromaterapia, fitoterapia, biodiversidade, celebrações, costumes e sóbrios relatos dos mais humanos e íntimos sentimentos, como a solidão, a saudade do país natal, o anseio por um encontro furtivo. A confrontação entre traduções é um exercício que pode ser infinitamente prosseguido; nesta breve leitura não cabem senão exemplos. Vejamos um poema em que o tema se aglutina em função da imagem fulcral que lhe define o sentido, a colheita de plantas aquáticas:

Com interesse olha o pato
Em volta do ilhéu do rio
A donzela retirada
Será a noiva do Príncipe.

Os tufos dos agriões
Rebentam aqui e alem
A donzela retirada
Ele a busca ao acordar

E buscando-a sem a haver
Velando e a dormir suspira
Virando a um lado e outro

Os tufos dos agriões
A um lado e outro os colhem.
A donzela retirada
Faz a harmonia do lar.
Os agriões em raminhos

ETNOBOTÂNICA

*Aqui e além vão à mesa.
A donzela retirada
Festejam sinos e adufes.*

Pe. Guerra, pp. 138-139.

*« Kuan, kuan » deux pluviiers se répendent
Sur les îlots de la rivière.
La jeune fille ignorée et sage
Est la bonne épouse du Seigneur.*

*Les villarsies¹³ longues ou courtes
Flottent à gauche et à droite.
La jeune fille ignorée et sage
Fut recherché nuit et jour.*

*Tant qu'elle ne fut point trouvée,
Nuit et jour le Seigneur y pensa.
Longues, longues étaient les heures
Quand il se retournait dans sa couche.*

*Les villarsies longues ou courtes
Furent cueillies à gauche et à droite.
La jeune fille ignorée et sage
Fut reçue au son des luths et des cithares.*

*Les villarsies longues ou courtes
Se préparent à gauche et à droite.
La jeune fille ignorée et sage
Est divertie par des clochettes et tambours.*

P. Guillermaz, p. 42.¹⁴

*Au bord de l'eau
Crient deux oiseaux;
L'homme a envie
De belle amie.
Le cresson roule
Dans l'eau qui coule;*

*On fait la cour
De nuit et jour.*

*L'amie refuse:
L'homme s'accuse,
Il tourne au lit
De là, de-ci.*

*Que l'amant cueille
Les longues feuilles!
Qu'il joue la lyre!
L'amie l'admire.*

*Qu'on mange longs
Ou courts cressons!
La cloche sonne;
L'amie se donne.*

Xu Yuan Zhong.¹⁵

Na concisa e elegante versão do Professor Xu Yuan Zhong,¹⁶ a planta aquática comestível é nomeada como “cresson”, o familiar agrião. O mesmo entendeu o Pe. Guerra, que, contudo, justifica a sua escolha em nota de fim de texto, p. 996: “planta aquática comestível. Chamo-lhe agriões à falta de designação mais exacta”. Inequivocamente patente é a atmosfera da colheita de plantas aquáticas, neste caso, *Nymphoides peltatum* (Gmel.) O. Kuntze e os encontros junto das zonas de água. Latente será o simbolismo aceite pelos historicistas: o casal de aves aquáticas representa o imperador Wen da dinastia Chou e a esposa. Traduzir por “agriões” a erva “Hsing”, o lírio-de-água ou vilarsia, cujas longas hastes de flores amarelas flutuam na água “à esquerda e à direita” simbolizando supostamente a busca de esposa adequada para o Imperador, oblitera uma imagem que a obra de Fujun Pan 潘富俊 nos permite recuperar.

O poema que o Pe. Guerra intitula “Rapariga pacata” é um dos mais traduzidos e comentados

pelos investigadores. Nas diversas versões o tema parece gravitar em torno do enigmático sexto verso, que visualmente é como uma pincelada rubra num recanto de muralha como pano de fundo. Este sexto verso comporta diversas interpretações, muito diferentes, conforme os comentadores seguem a tese realista, simbolista, ou outras. Comparemos a tradução de Patrícia Guillermaz (Hu Pinqing), que anota a probabilidade de ser o caule vermelho em questão uma gramínea, a Themeda trianda, com as propostas de Marcel Granet, Padre Guerra e Ezra Pound:

*La jeune fille belle et sage
Devait m'attendre au coin des remparts
Mais je l'aime et ne la vois pas,
Et j'erre tout plain d'embarras.*

*La jeune fille belle et sereine
M'a donné une tige rouge
La tige rouge a de l'éclat,
Et sa beauté me ravit.*

*Des prés elle m'a rapporté cette jeune plante
Vraiment superbe et rare.
Mais ô plante, si tu parais ainsi,
C'est que tu viens de ma belle.*

P. Guillermaz, p.43.

*La vierge sage, que de grâce!
Elle m'attend au coin des murs,
Je l'aime, et si je ne la vois,
Je me gratte la tête, éperdu...
La vierge sage, que de charme!
Elle me donne un tube rouge !
Le tube rouge a de l'éclat :
La beauté de la fille enchante !
Plante que viens des pâturages,
Vraiment belle en ta rareté,*

*Non, ce n'est pas toi qui es belle
Tu es le don d'une beauté !*

M. Granet, pp. 71.

*A moça pacata e bela
Esperava-me à esquina.
Eu, que a amava, não a
vendo,
Dei em coçar a cabeça*

*A moça pacata e esbelta
Vermelha flauta me deu
Mais do que do brilho da
flauta,
Do apreço da moca eu gosto.*

*Pastora, trouxe-me um ramo,
Raminho formoso e raro.
Não é tanto em si que é belo,
É o ser oferta amiga.*

Pe. Guerra, pp. 226-227.

*Lady of azure thought supple and tall
I wait by nook, by angle in the wall
Love and see naught; shift foot and
scratch my poll.*

*Lady of silken word, in clarity
Gavest a reed whereon red flower
flamed less
then thy delightfulness.
In mead she plucked the molu grass
Fair as streamlet did she pass.
"Reed, art to prize in thy beauty,
But more that frail, who gave me
thee me."*

Ezra Pound, p. 20.

ETNOBOTÂNICA

A versão de M. Granet propõe “tubo vermelho” (*tube rouge*); tradução literal que pode sugerir o colmo oco da gramínea como sendo um objecto manufacturado. Segundo este comentador, o poema insere-se no tema dos encontros na aldeia, da flor como penhor de amor em uso nos eventos comunitários da primavera. A versão do Pe. Guerra segue a opção do “tubo vermelho”, e nada mais natural do que imaginá-lo perfurado como uma flauta; e se o tubo vermelho é uma flauta, é legítimo intuir que a moça pacata é pastora. Mas não podia faltar o “raminho formoso e raro”, e assim o poema comporta não um, mas dois penhores de amor. Hervey de Saint-Denys,¹⁷ para quem este poema “respira um perfume de delicadeza”, deixa em suspenso a forma e função da dádiva; só a cor vermelha se mantém no cerne do poema: “Ela me encheu de alegria fazendo-me uma oferta de cor vermelha”.

*L'aimable jeune fille (ma fiancée), qu'elle est jolie!
Elle m'a dit qu'elle viendrait me trouver au pied
remparts de la ville; Je l'attends plein d'une ardeur
impatiente, mais je ne la vois pas apparaître.
En vain je tourne et je penche la tête de tous côtés.
L'aimable jeune fille (ma fiancée) qu'elle est
charmante!
Elle m'a comblé de joie en me faisant un présent
de couleur rouge. Ce présent de couleur rouge
brille assurément d'un éclat bien vif; Mais com-
bien est plus séduisant encore l'éclat de celle qui
me l'a donné!
Elle-même, pour me l'offrir, a cherché la plante
dans la campagne;
c'est une fleur très belle et plus rare que la
fleur de la plante Y; Sa beauté ni sa rareté ne
sont pourtant pas ce qui la rend à mes yeux si
précieuse.
Tout son prix vient pour moi de celle qui me l'a
donnée.*

H. de Saint-Denys, pp. 32-33.

*O sweet maiden, so fair and retiring,
At the corner I'm waiting for you;
And I'm scratching my head, and inquiring
What on earth it were best I should do.*

*Oh! the maiden, so handsome and coy,
For a pledge gave a slim rosy reed.
Than the reed is she brighter, my joy;
On her loveliness how my thoughts feed!*

*In the pastures a t' i blade she sought,
And she gave it, so elegant, rare.
Oh! the grass does not dwell in my thought,
But the donor, more elegant, fair.*

James Legge, Ode 68.

*J'attends près de la ville
Ma belle amie tranquille.
Mais en vain je la quête;
Je me gratte la tête.*

*Mon amie qui ne bouge
Me donne un roseau rouge.
J'aime sa couleur belle,
Qui me fait rêver d'elle.*

*Du pré qui nous sépare,
Elle envoie un brin d'herbe rare.
J'aime non qu'il soit beau,
Mais qu'il est son cadeau.*

Xu Yuan Zhong, pp. 8-9.

Xu Yuan Zhong escolheu a concisão rimada; versão ritmada que logo se reconhece apropriada para cantar, como na remota origem. A planta é devolvida à sua natureza ancestral, a gramínea vermelha das pastagens, no apogeu da floração, época da celebração das colheitas e dos encontros ritualizados.





Campsis grandiflora – Caneta e aguarela sobre papel Whatman, por Fernanda Dias.

James Legge:¹⁸ muitas vezes contestado nas notas de Pe. Guerra, opta pela versão do junco vermelho: «For a pledge gave a slim rosy reed». Também desta vez Pe. Guerra discorda, categórico: “Não me resigno a semelhante versão: «it is not you, O grass that are elegant». [...] As escolas dividem-se na interpretação desta canção. Em vez de admirarem a fineza psicológica do amor, perdem-se noutras considerações.”¹⁹

Nas margens do rio

Nem só as gramíneas vermelhas cumprem a função de mensageiras do amor. Após a fusão da neve os rios encham, a natureza desperta. É tempo de passar o rio para os encontros de Primavera. Tal como

num velho refrão do Cante Alentejano “Ao passar da ribeirinha/ pus o pé molhei a meia/não casei na minha terra/fui casar em terra alheia!”, que também celebra o costume da exogamia nos meios rurais. Nas margens do rio T’chen e Wei, a meio da primavera é o tempo da colheita das orquídeas. Nas datas consagradas pelo calendário rural acontecem as grandes festas do renovar da natureza. Rapazes e raparigas solteiros cantam em conjunto e trocam entre si flores odorantes:

*La Tchenn avec la Wei
Viennent à déborder ;
Les gars avec les filles
Viennent aux orchidées.
Les filles les invitent :
— “Là-bas si nous allions?”
Et les gars de répondre
— « Déjà nous en venons!”
— « Voire donc mais encore
Là-bas si nous allions?
Car, la Wei traversée,
S’étend un beau gazon!”
Lors les gars et les filles
Ensemble font leurs jeux.
Et puis elles reçoivent
Le gage d’une fleur.*

*La Tchenn avec la Wei
D’eaux claires sont gonflées
Les gars avec les filles
Nombreux sont assemblés. [...]*

M. Granet, pp.105-106.

*O rio Tseôn mais o Vei
Vão cheios de lés a lés.
Encontram-se moços e moças,
Ostentando a flor do Caen.
“Passeaste?” inquire a moça.
“Pois não!” responde o rapaz.*

ETNOBOTÂNICA

*“Mas vamos dar outra volta;
Para lá do rio Vei,
Há prados vastos e amenos!”
Rapazes e raparigas
Trocam graças entes si
E brindam-se os seus guizados.*

*O rio Tseôn mais o Vei
Cheios vão e transparentes
Raparigas e rapazes
Sua pujança bem mostram
“Passeaste?” inquire a moça.
“Pois não!” responde o rapaz.
“Mas vamos dar outra volta;
Para lá do rio Vei [...]*

Pe. Guerra, pp.334-335.

*Chen and Wei
Flow thereby
touching together
Man and girl, girl and man
to pluck valerian:
“The play?” says she.
“Seen it.” says he.
“If so, let’s go ‘
Over Wei
Pleasantly.”
Playing there, girls and men
Prescribe this mutual medicine.*

*Chen and Wei in alacrity
As pampas blades a-gleam
By bank and stream
Como girls and a throng of officers
She says: “Have you seen...?”
he says: “I been.”
“Let’s again.” Over Wei
Pleasantly [...]*

Ezra Pound, pp.44-45.

Num resumo não isento de poesia, sequenciado em imagens vivas, eis a leitura que faz Marcel Granet do meio em que surgem e cumprem a sua função os cantares do *Shi Jing*:

No segundo mês da primavera, quando o regresso do Yang traz de volta as andorinhas e o calor, assim que o orvalho substitui a geada branca sobre a erva dos prados, o degelo começa e se dá a primeira enchente dos rios, quando as flores precoces crescem nos recantos húmidos, os pássaros cantam e procuram acasalar – as pessoas saem de casa, as raparigas param de fiar e tecer e os rapazes, de aldeia em aldeia, vão negociar os panos tecidos. Na exaltação da Primavera, rapazes e moças vão em bandos a leste ou a sul das muralhas, dançar sobre uma colina bem exposta, à sombra das árvores. Depois, ao longo das margens das ribeiras cheias, nas planícies, vão colher a flor odorífera, o incenso capaz de afastar os poderes maléficos, que levam numa bolsa presa na cintura. Donzelas e rapazes cantam, desafiam-se, escolhem. De vestes arregaçadas, passam a ribeira; os casais isolam-se, e, como dizem os comentários, fazem acto de marido e mulher. Então as pretendidas recebem dos rapazes a flor da separação, como penhor de encontro futuro. Estão feitas as promessas. Creio contudo que devam passar o Verão separados, cada um na sua aldeia. No Outono os pais enviam um intermediário; ao nascer do sol o ganso selvagem é ofertado, seguido da dupla pele de cervo; no dia favorável determinado pela tartaruga ou pelos paus da aquileia, a mãe ata à cintura da filha o pano ritual. Ao cair da noite, a noiva monta no carro nupcial e vai beber com o esposo nas duas metades da cabaça. Assim os casamentos se concretizam quando o frio força os homens a deixar os campos e a retirar-se para o interior das habitações, onde calafetam as fendas e fazem entrar o fogo.²⁰



ETNOBOTÂNICA

As versões do Pe. Guerra não se afastam muito deste ambiente festivo e campestre; destacam-se pela proximidade tonal com certos cantares das danças populares portuguesas. A opção dessa toada terá acontecido espontaneamente ou por imposição dos temas rurais, por vezes tão misteriosamente equivalentes, pelo pulsar da inspiração enraizada num estilo de vida igualmente ligada aos ritmos da terra, como neste exemplo:

*Fui ao cabeça do sul,
A colher a ervilha brava.
Meu senhor inda o não vi,
Donde mais a dor se agrava.
Ai! que se ele aparecia,
Se eu o vinha a descobrir
Toda a mágoa se acalmava.*

*Vicia sepium Linn, in Fujun Pan;
詩經, pp. 38-39. Pe. Guerra, p. 164-165.*

*Cisirão, cisirão,
Cisirão meu lindo bem,
Foi-se o meu amor embora,
Deixá-lo que logo vem.*

*Deixá-lo que logo vem
Na manhã de primavera,
Por causa do cisirão,
Foi-se o meu amor embora.*

*Lathyrus sylvestris L.
Cante alentejano, Alentejo, Portugal.*

A ervilha brava, *Vicia sepium Linn*, a *Lathyrus cicera L.*, e a *Lathyrus sylvestris L.*, (o cisirão de um antigo refrão de Cante Alentejano que aqui reproduzimos) são leguminosas silvestres que têm em comum a qualidade da semente ser alimento de emergência, em tempos de penúria. Os dois cantares

partilham o mesmo mote: o amado está longe, em guerra ou corveia. O sentimento que assalta o leitor ocidental do *Shih-Ching*, familiarizado com os cantos rurais europeus, não é o de estranheza, mas sim o de comprovado reconhecimento. Os rio *Ge* e *Wey* (*Tchenn* e *Wei* em Granet) têm os seus correspondentes no Minho e no Alentejo; nos campos d’Auvergne, e onde quer que as culturas rurais entoaram os seus cânticos:

*Fina cana de bambu,
Com que se pesca no Ge;
Julgas que não penso em ti?
Só por longe eu não vou lá.
A cana esguia é bem verde
O orvalho congelou
Esta pessoa que eu digo
Está algures no rio!*

Pe. Guerra, p. 269; p.407.

*Slim poles to fish in the K'i
But no bamboo long
enough to reach you
Save is a song;*

*To left is Yüan Spring,
To right, the k'i;
A girl flows out
Leaving her family.*

Ezra Pound, pp. 29-30.

*Ó minha caninha verde,
verde cana de encanar:
Pela boca perde o peixe,
Quem te manda a ti falar?*

Ó minha caninha verde,

*Verde cana de encanar,
Aqui estou à tua beira:
Quem 'stá bem deixa-se estar.²¹*

Letra e música tradicional, Minho, Portugal.

Também o refrão “cana verde”, música e dança tradicional portuguesa, hoje circunscrita ao Minho e Trás-os-Montes, outrora disseminada por todo o país no canto ao desafio, não é muito diferente dos “temas do bambu” da poesia do *Shih-Ching*. A origem dos temas da cana verde, consta que se situa no *passacalle*, rondas de rapazes tocando e cantando pelas ruas, segundo um rito antigo do povo ibérico. O mesmo paralelismo temático aparece quanto aos rituais propiciatórios do namoro e do casamento, e ao simbolismo exógamo do “passar do rio” nos cantos populares das comunidades rurais e pastoris. Escolhemos três exemplos da tradição musical portuguesa, francesa e do Livro dos Cantares que partilham o mesmo testemunho do significado da travessia dos cursos de água nos encontros de primavera:

*Plantas altas, há no sul
Que não dão p'ra descansar
No Xawn se banham donzelas
Que não se deixam tentar
A largura do [rio] Xawn
Não se pode a vau passar.*

*Nas margens do rio Juh,
Apanhava uns ramos secos;
Nisto vi o meu senhor
Não me deixou muito tempo!*

Pe. Guerra, p.155; p.157.

*Pastor, para lá do rio,
Belos tempos, tens gozado?
Eu não, e tu diz-me lá?
Pastor, o prado está em flor,
Vem para cá guardar o rebanho*

*É mais fina aqui a erva do prado.
Pastor, entre nós corre o rio,
Eu não posso atravessar!
Então eu te irei buscar!
Onde iremos pastorear?*

Canto de pastores, Auvergne, França: ²²

*Ao passar da ribeirinha
Pus o pé molhei a meia
Namorei na minha terra
Fui casar na terra alheia.
Fui casar em terra alheia,
Por não querer casar na minha
Pus o pé molhei a meia
Ao passar da ribeirinha*

*Cante alentejano, património cultural imaterial
da Humanidade, Portugal.*

O eterno palimpsesto

*Une variante minimale du traduttore traditore accorde
à la poésie et conteste à la prose le glorieux privilège de
l'intraduisibilité.²³*

Gérard Genette

Parafraseando Gérard Genette, diremos que não é questão de enumerar aqui os eternos problemas teóricos da tradução. Esses incontestáveis problemas, sintetizados no célebre provérbio italiano, fazem e farão correr rios de tinta. É pois sabido que “nenhuma tradução pode ser absolutamente fiel, e todo o acto de traduzir fere o sentido do texto traduzido”. A versão em português do *Livro dos Cantares* do Padre Joaquim A. Guerra, publicada pelos Jesuítas Portugueses, em 1979, na colecção “Clássicos Chineses”, patrocinada pelo Governo de Macau, apresenta a tradução portuguesa do texto poético, introdução e notas críticas, a par do texto-fonte em caracteres chineses, e da transcrição

ETNOBOTÂNICA

fonética que o autor propõe. No prefácio, após situar as origens do Cancioneiro que intenta dar a conhecer aos leitores de língua portuguesa, o Pe. Guerra insere a frase que define a sua postura face à obra que apresenta:

*Mais que obras de arte, as Canções são instantâneos da vida individual, familiar, religiosa, social e política dos Chineses, apanhados ao natural, formando, no conjunto, uma imagem impressionante de humanismo e civilização, capaz de inspirar e animar a qualquer povo irmão e a qualquer pessoa responsável.*²⁴

Ainda no prefácio, refere os trabalhos do missionário escocês James Legge e do Pe. Couvreur, e os dicionários de *Xhãoxe*, *Aubazac*, e de Williams. Na nota de reconhecimento, o autor destaca os sete volumes da autoria James Legge, *The Chinese Classics* (Oxford University Press, Londres), “cujas traduções em inglês foram aproveitadas a cada passo para fins de confronto e de crítica exegetica. o sinólogo Marcel Granet na sua obra *Fêtes et chansons anciennes de la Chine*, dedicada à memória dos sinólogos Émile Durkheim e Édouard Chavannes, introduz o seu texto afirmando: “je veux montrer qu’il n’est pas impossible de connaître quelque chose des antiquités religieuses de la Chine.» Reconhecendo que “les documents authentiques qui nous parlent du passé chinois sont rares ; encore leur rédaction date-elle d’une époque assez basse : on sait que l’ Empire, quand il détruisit la Féodalité, en voulut détruire les titres, et brûla les Livres ; une fois établi, il désira produire ses propres titres, et les livres furent reconstitués ; ils le furent pieusement [...]”²⁵ Após esta advertência, M. Granet remete para o estudo de Chavannes sobre *Le Dieu du sol*, e para a introdução da sua tradução do historiador Sima Qian, (c. 145-c. 86 a.C.) assim como para os *Prolégomènes* de Legge. Granet documenta a sua tese, registando as principais obras de referência em Chinês que estão na base da sua pesquisa, incontornáveis alicerces de toda a abordagem dos Clássicos.

Tentar penetrar o universo de uma obra, mesmo superficialmente sem conhecimento da língua de origem, é uma ousadia sem limites, e contudo os homens fazem isso desde há milénios. Umberto Eco, a esse propósito, refere o conceito de palimpsesto utilizado por Gérard Genette – o pergaminho do qual se rasura a primeira escrita para servir de suporte a outra, ainda que fragmentos do texto inicial possam ser lidos sob o texto posterior. Diz-nos Eco na introdução da obra *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*:

*Considero no entanto que, para fazer observações teóricas sobre a tradução, não é inútil ter tido experiência activa ou passiva. Por outro lado, quando ainda não existia uma teoria da tradução, desde São Jerónimo até ao nosso século, as únicas observações interessantes sobre o assunto foram feitas precisamente por quem traduzia e conhecem-se os embaraços de Santo Agostinho, que tinha intenções de falar de traduções correctas, mas com limitadíssimos conhecimentos de línguas estrangeiras (não conhecia o hebraico e sabia pouco de grego).*²⁶

Acto de coragem, trabalho de visionários, a proliferação de traduções dos clássicos dá testemunho do eterno enigma da transtextualidade. Replicando o sistema textual; tentando compreender o sistema interno da língua, trabalhando incessantemente o texto-fonte no plano semântico, buscando uma árdua fidelidade ao plano estilístico, métrico, fonossimbólico. E, sobretudo, encarando a maior de todas as dificuldades: a de reconstruir uma época histórica determinada, juntando testemunhos fragmentados, indícios, convicções pessoais, tudo amassado no cimento da intuição quando se trata de poesia. Umberto Eco, no seu livro *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*, conta como um dos seus tradutores de O Nome da Rosa se depara com a dificuldade de encontrar tradução adequada em inglês para nomes de plantas como violeta, citiso, serpillá, lírio, ligustro, narciso, colocasia, acanto, maloba-

tro, mirra, opobálsamo. O tradutor saiu de embaraços encontrando substituições que o próprio Eco autorizou. Contudo, lamenta que o tradutor tenha escolhido um termo comum, *mallow*, para traduzir *malobrato*, “um termo que evoca salmos bíblicos”. Já a tradução do Pe. Guerra, amiúde recorre a referências bíblicas. Por exemplo, na ode “O Leste” 1,15,3 (156), p. 469: os versos “Pendiam as colocíntidas /dos galhos dos castanheiros”, remete para os versículos 1 Reis 6:18 “O cedro da casa era lavrado de colocíntidas e flores abertas [...]” e 1 *Rois* 7:24 “No rebordo havia colocíntidas, dez por côvado; dispostas em duas fileiras [...]”.

O tema em estudo, a identidade da flora citada no Clássico das Odes, restitui-nos visões de um universo em perigo. A Flora do planeta perde espécies em cada dia que passa.

Não raras vezes o “jardim de ervanário” subjacente em cada versão apropria-se de nomes vernáculos tendo em conta afinidades de uso, na impossibilidade da rigorosa identificação. Vimos isso no caso dos “agriões”, por exemplo, e neste “rosmaninho dos montes”, ausente do original:

*Há rosmaninho nos montes,
Na planície flor de lótus
Em não vendo a tua casa
Fora me sinto de mim.*

Pe. Guerra 1, 7, 10 (84) pp. 316-317.

*On mouth doth noble ilex grow
and marsh weed in the lowland low
'Tis not Tsy-tu doth now appear
No man, but a boy perks here.*

Ezra Pound, 1,7, X, p. 41

Que rosmaninho? O português alecrim doirado, que nasce no campo sem ser semeado? O rosmaninho que veste de roxo os campos do sul da Ibéria no tempo da Páscoa? O *noble ilex* que preferiu Ezra Pound? Ou

“rosemary and sauge” dos cantos góticos revivalistas? Vejamos a lenda que dá credibilidade à tradução de Marcel Granet “le fou-sou”, para 扶蘇 :

*Le fou-sou est sur les monts, / les nénuphars aux vallons!
Je n'aperçois pas Tseu T'ou / et je ne vois que des fous!*

Segundo a lenda, Fu Su, 扶蘇, (? - 210 a. C) príncipe herdeiro de Qin Shi Huang, era filho de uma dama do estado de Zheng que costumava cantar uma balada da sua terra intitulada “Na montanha há boas árvores” - Fu Su significando “boas árvores” no seu dialecto. O Imperador deu esse nome ao filho, em quem depositava grandes esperanças. Entendemos a subtileza do poema na ligação com a antiga balada e a veneração dos antigos pelas magníficas árvores das montanhas primordiais. Camilo Pessanha insere na publicação de *Oito Elegias Chinesas*, a propósito da sua versão do poema *Queixumes das Esposas do “Hsiang”* (“lhéus do Norte do Hsiang onde as orquídeas se ceifam! / Plainos do sul do *Lai* onde se talham as essências de preço!) uma nota que esclarece o timbre melancólico da imagem das árvores preciosas sacrificadas pelos construtores do império:

As riquezas florestais do baixo e médio Yang-tse-kiang acham-se completamente esgotadas. Nas montanhas de O. ainda são relativamente abundantes algumas espécies preciosas, entre as quais diversas variedades de tuias (柏), de abetos (杉), a cânfora, (樟树) a楠木 persea nan-mu [...] Essas madeiras têm na estética chinesa representação incomparavelmente mais honrosa do que quaisquer suas análogas europeias. O luxo arquitectónico dos templos e dos palácios chineses reside quase exclusivamente nos majestosos pilares de maciço e intrincado travejamento [...]. ²⁷

Introduzindo a enumeração de espécies que o Clássico das Odes consagra, ocorre-nos uma página de Pascal Quignard, cuja enigmática poesia se ajusta à leitura do Shih-Ching:

ETNOBOTÂNICA

*As flores não têm passado: não têm sequer época.
A sua seiva é a seiva. Vão buscá-la ao Outrora
em acto.*

*A seiva que sobe, que cresce, que pulsa nas plan-
tas e nos homens é o tempo que diz respeito ao
tempo.*²⁸

Tendo em conta que nenhuma enumeração é suficientemente longa, falar das espécies de árvores frutíferas, das que dão madeira, sebes ou sombra, das que delimitam e identificam os povoados, dos arbustos que dão bagas, das sarmentosas vides, dos cereais que são o alimento de cada dia, das rastejantes de grandes frutos como meloeiros e aboboreiras, das leguminosas que dão feijões e ervilhas, das verduras das hortas e das que se apanham na beira dos caminhos; das que condimentam, das oleaginosas, das aromáticas,

das têxteis, das que dão o papel, das tintureiras, das resineiras, das gramíneas das forragens, das nocivas que fornecem imagens para as fraquezas humanas, das que curam e das que atormentam, das que tratam e das que matam, das ornamentais e das simbólicas, das que dão corpo aos mitos símbolo de pureza e contemplação, é já falar das florestas, dos bosques, dos sub-bosques, dos prados, dos vergéis, searas e pomares, das vertentes das montanhas, das fendas dos rochedos, dos pântanos, das margens dos rios, das savanas, das charnecas, das estepes, dos arrabaldes e da praça comunitária dos povoados. Citar a época da floração, das colheitas, das reservas, dos usos e das técnicas, dos ritos e dos ofertórios, é já medir o diapasão da biodiversidade, caracterizar um povo, uma região, um clima, uma rota de dispersão, uma condição de sobrevivência. **RC**

NOTAS

- 1 François Cheng, in “A escrita poética chinesa” *Revista de Cultura*, Macau, 1995, p. 5.
- 2 Richard M. W. Ho, *Ch'en Tzu-Ang, Innovator in T'ang Poetry*, Chinese University Press, Hong Kong, 1993, pp. 89-90.
- 3 cf. Marcel Granet, *Fêtes et chansons anciennes de la Chine*, Albin Michel, Paris, 1982, pp. 11-18.
- 4 Joaquim A. Guerra, *Livro dos Cantares – She Keng*, Jesuítas Portugueses, Macau, 1979.
- 5 “Au jardin des noyers je suis descendu/Pour voir les jeunes pousses da la vallée/Pour voir si la vigne bourgeoonne/Si les grenadiers fleurissent. /Je ne sais...mais mon désir m'a jeté/ Sur les chars de mon peuple, en prince!» Traduzi de “Cantiques des cantiques», *La Sainte Bible*, École Biblique de Jérusalem, Les Editions du Cerf, Paris, 1956, V poème, v.11, 12, p. 865.
- 6 François Cheng, tal como Marcel Granet entende que o início da poesia chinesa está intimamente ligado à dança sagrada e ao trabalho do campo regulado pelo ritmo das estações, embora tendo conhecido posteriormente numerosas metamorfoses. cf. François Cheng, *L'écriture poétique chinoise; suivi d'une anthologie des poèmes des Tang*, Seuil, 1977, p. 5.
- 7 Marcel Granet, *Fêtes et Chansons anciennes de la Chine*, (1919) Albin Michel, Paris, 1982, p. 7.
- 8 Marcel Granet, *idem*, p. 6-8.
- 9 Marcel Granet, *Idem*, pp. 2-3.
- 10 Marcel Granet, *idem*, pp. 6-8.
- 11 Granet, *idem*, pp. 19-22.
- 12 Pan Fujun 潘富俊, *詩經植物圖鑑 = Shi jing zhi wu tu jian, Plant illustrated handbook of 詩經 Book of Songs* (The book of odes and hymns / Book of Poetry) Photographer: Shengyou Lu 呂勝由. Ed. Mao Tou Ying: Taipei, 2001.
- 13 Villarsie: trata-se da erva Hsing, *Nymphoides peltatum*; lírio-de-água ou golfo-menor em português.
- 14 P. Guillermaz, aliás Hu Pinqing, jornalista, poeta e tradutora, nasceu em 1921, em Zhejiang, China. Patricia Guillermaz, *La poésie chinoise des origines a la révolution*, Marabout Université, Paris, 1966.
- 15 Xu Yuan Zhong, 300 poèmes chinois classiques, Editions de l'Université de Pékin, 1999, pp. 2-5.
- 16 Xu Yuan Zhong, 300 poèmes chinois classiques, Editions de l'Université de Pékin, 1999, pp. 2-5.
- 17 M. J.-Léon Hervey de Saint-Denys, *Poésies de l'époque des T'ang. Étude sur l'art poétique en Chine*. Ed. Amyot. Paris, 1862.
- 18 James Legge, *The Book of Poetry* [1876]. Consulta Março 2019: sacred-texts.com.

- 19 Cf. Pe. Guerra, *idem*, nota p.1022.
- 20 Marcel GRANET (1884-1940), *Costumes matrimoniales de la Chine antique*, T'oung-pao, vol. XIII, p. 517-558, Leyde, 1912. Édition en format texte par Pierre Palpant, Juillet 2011, p. 32. Consulta em Março 2019 in: www.chineancienne.fr.
- 21 Letra e música tradicional, Minho, Portugal. Consulta: Fev. 2019 in: <https://www.meloteca.com/portfolio-item/cancioneiro-do-minho/>; <http://terramater.pt/cana-verde/>.
- 22 Cantos d'Auvergne, recolhidos e musicados por Joseph Canteloube de Malaret, (1879- 1957) Baladas ou cantos ao desafio de pastores dos vales e rios de Auvergne, França.
- 23 Gérard Genette, *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Ed. du Seuil, Paris, 1982, p. 294.
- 24 Pe. Joaquim A. Guerra, *Livro dos Cantares* Ed. Jesuítas Portugueses, colecção "Clássicos Chineses", Macau, 1979. pp. 293-294.
- 25 Marcel Granet, *Fête et Chansons anciennes de la Chine*. Ed. Albin Michel, Paris, 1982. Introduction, p. 1.
- 26 Umberto Eco, *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*, ed. Difel, Lisboa, 2005, pp. 11-12.
- 27 Camillo Pessanha, *Oito Elegias Chinesas*, RC Revista de Cultura nº 25, II série, Macau 1985, pp.219-229, nota 37, p. 227.
- 28 Pascal Quignard, *As sombras errantes*, Capítulo LI, "Sobre o rio que desagua nas flores", Ed. Gótica, Lisboa, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- Chmelik, Stefan. *Chinese herbal secrets*. The Ivy Press, Hong Kong, 1999.
- Chevallier, Andrew. *Plantas medicinais*. Dorling Kindersley, Civilização, Porto, 2007.
- Drouet, Henri. *Flore des Iles Açores*. J. B. Baillière & Fils, Paris, 1866.
- Eco, Umberto. *Dizer quase a mesma coisa. Sobre a tradução*. Ed. Difel, Lisboa, 2005.
- Estácio, António Júlio. *Parque de Seac Pai Van*. Edição C. M. das Ilhas, Macau, 1995.
- Eliade, Mircea. *Forgerons et alchimistes*. Flammarion, coll. "Champs", Paris, 1956.
- Genette, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Ed. du Seuil, Paris, 1882.
- Gomes, Carlos José Pinto. *A serra de Ficalho, flora e vegetação*. Universidade de Évora, 1995.
- Granet, Marcel. *Fêtes et chansons anciennes de la Chine, (1919)* Albin Michel. Paris, 1982.
- Granet, Marcel. *Danses et légendes de la Chine ancienne, (1926)*. Paris PUF, 1994.
- Guerra, Pe. Joaquim A. *Livro dos Cantares - She Keng, Jesuítas Portugueses*. Macau, 1979.
- Guillermaz, Patricia. *La poésie chinoise des origines a la révolution*. Marabout U., Paris, 1966.
- Hatton, Richard G. *Handbook of plant and floral ornament from early herbals*. Dover pub., N. Y. 1960.
- Ho, Richard M. W. *Ch'en Tzu-Ang, Innovator in T'ang Poetry*. SOAS University, London; Chinese University Press, Hong Kong, 1993.
- Hunter, Dard. *Papermaking. History and technique of an ancient craft*. Ed. Dover, New York, 1978.
- Mathieu, Rémi. *Anthologie des mythes et légendes de la Chine ancienne*. Gallimard, Paris, 1989.
- Meybeck, Jean. *Les colorants*. Presses Universitaires de France, Paris, 1963.
- Pan, Fujun 潘富俊. *詩經植物圖鑑 = Shi jing zhi wu tu jian, Plant illustrated handbook of 詩經 Book of Songs*. Photographer: Shengyou Lu 呂勝由. Ed. Mao Tou Ying: Taipei, 2001.
- Pessoa, F. Santos; Pinto, José R.; Alexandre, J. Rocha. *Plantas do Algarve com interesse ornamental*, Edições Afrontamento, Porto, 2004.
- Pound, Ezra. Shih-Ching. *The Classic Anthology Defined by Confucius*. Harvard University Press, Cambridge, (1954) 1976.
- Rogers, Julia Ellen. *Trees*. Ed. Nelson Doubleday, New York, 1934.
- Romano, Anabela; Gonçalves, Sandra. *Plantas silvestres comestíveis do Algarve*. UAlg, Faro, 2015.
- Salgueiro, José. *Ervas, usos e saberes*. Universidade de Évora. Edições Colibri, Lisboa, 2005.
- Saint-Denys, d'Hervey. *Poesies de l'Epoque des Thangs*. Traduites du chinois et présentés par le marquis d' d'Hervey Saint-Denys. editions Champ Livre, Paris, 1977.
- Salomon. *Le "Cantique des Cantiques"*. La Sainte Bible, Les éditions du Cerf, Paris, 1956.
- Xu Yuanzhong. *Cent poèmes lyriques des Tang et des Song*. Ed. en langues étrangères, Beiing, 1987.
- Xu Yuanzhong. *300 Poèmes chinois classiques*. Edition. L'Université de Pékin, 1999.
- Wang Zhu Hao. *Árvores de Macau*. Edição Câmara Municipal das Ilhas, Macau, 1997.

ETNOBOTÂNICA

Revistas :

RC Revista de Cultura, Macau, 1995. Cheng, François. *A escrita poética chinesa*, pp. 5-66.

RC Revista de Cultura, Macau, 1995. Pessanha, Camillo. *Oito elegias chinesas*, pp. 219-229; p.227.

Edições online:

Granet, Marcel. *Costumes matrimoniales de la Chine antique*, T'oung-pao, vol. XIII, p. 517-558, Leyde, 1912. Édition en format texte par Pierre Palpant, Juillet 2011. in www.chineancienne.fr/www.

Hervey-Saint-Denys, Marquis, « Poésies Pré-Thang », Chinking, Ode 17, (I, chap. III), in *Poésies de l'Époque des Thang traduites du chinois et présentées par le Marquis d'Hervey-Saint-Denys*. <http://www.afpc.asso.fr/wengulTang/Preso>.

Flora of China: Chinese Plant Names @ efloras.org Flora of China @ efloras.org. <https://www.ltl-shanghai.com/plants-in-chinese>.

Biodiversidade: Macau. <http://www.macaubiodiversity.org>.

Villis de Charlemagne: <http://www.encyclopedie-universelle.net/abbaye-capitulaire-de-villis.html>.

Karine Chemla. *L'histoire des sciences dans la sinologie des débuts du XIX e siècle : Les Biots père et fils*.

Colloque Histoire de la sinologie. 08/06/2014. p. 6, HAL, archives-ouvertes.fr. <https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01509318>. Submitted on 16 Apr. 2017.

Georges Métaillé et André-Georges Haudricourt *De L'illustration botanique en Chine* <https://docplayer.fr/14932019-De-l-illustration-botanique-en-chine.html>.

Outros:

Plantas usadas em Macau na medicina tradicional Chinesa. Coleção de postais. Câmara Municipal das Ilhas, Macau, 1994.

Nouveau Dictionnaire Français-Chinois, Joint Publishing CO., Hong Kong, 1984.

Fontes das imagens:

Handbook of plant and floral ornament from early herbals, by Richard G. Hatton, Dover Publications, Inc. N. Y., 1960.

Plants and flowers, by Alan E. Bessette and William K. Chapman, Dover Publications, Inc., New York, 1992.



TABELA		
A FLORA DO <i>CLÁSSICO DAS ODES</i>		
Nome científico	Nomes comuns Usos. Nutrição. Etnomedicina.	Versões literárias
<i>Nymphoides peltatum</i> (Gmel.) O. Kuntze. 苻菜	Vilarsia; lírio-de-água; golfo-menor Nutrição: medula dos caules, folhas, flores, cozidas. Sementes moídas. Etnomedicina: decoção de folhas. Cataplasma de folhas frescas. Infusão em óleo da planta seca.	Guerra p.139: “Os tufos dos agriões /rebentam aqui e ali”. Guillermaz , p.42: “Les villarsies longues ou courtes”. Granet p.111: “Haute ou basse la canillée /à gauche, à droite cherchons-la!” Pound p.2: “High reed caught in ts'ai grass/só deep her secrecy”. Tema: lamento pela ausência.
<i>Pueraria lobata</i> (wild.) Ohwi 葛	Videira-kudzu; dolicos Fibra têxtil: vestuário, cestos, cordas, papel. Nutrição: amido da raiz. Etnomedicina: chá de raiz, folhas e flores neutraliza venenos.	Guerra p.141: “Como o linho se estendeu”. Granet p.46: “Il cueille le dolic! ” Pound p.2: “Shade o’ the vine /deep o’ the vale: “ Guillermaz , p.47: “ puéraires recouvrent les ronces”. Tema das colheitas e da ausência.
<i>Xanthium strumarium</i> L. 蒼耳	Bardana-menor; xântio; lampurda Repele gorgulhos do trigo nos celeiros. Pó da semente encorpa tinta azul. Tóxica para o gado. Etnomedicina: uso cauteloso da infusão de folhas e raízes.	Guerra p.143: “Por mais lampurda que colha/não consigo encher o cesto”. Granet , p.115: “Je cueille la bardane /je n’en emplis pas un panier.” Pound p.3: “ Curl-grass , curl- grass / never a basket load”. Tema das colheitas e da ausência.
<i>Vitis flexuosa</i> Thumb. 葛藟	Videira-liana; vinha japonesa Nutrição: fruto cru ou seco; seiva doce adicionada a bebidas. Folhas envolvem alimentos para assar. Etnomedicina: fruto tónico. As folhas dão corantes.	Guerra p.145: “Há no sul plantas vergadas/ que as trepadeiras atraem.” Guillermaz p.47: “ La vigne vierge emplit la campagne.” Tema do louvor aos príncipes. Pound p.3: In the South be drooping trees / long the bough, thick the vine ”.
<i>Prunus persica</i> (Linn.) Batsch. 桃	Pessegueiro Nutrição: fruto rico em açúcar, refrescante. Etnomedicina: Infusão de folhas e flores calmante, vermífuga, anti-inflamatória. Espécie nativa da China e não da Pérsia.	Guerra , p.149: “ Pessegueiro vigoroso/alardeia as suas flores”. Granet , p.19: “Le pêcher [...]qu’elles sont nombreuses ses fleurs!”. Pound p.4: “O peach-tree thou art fair/as leaf amid new boughs/going to bride”. Tema nupcial da floração.
<i>Plantago asiatica</i> L. 車前	Tanchagem Nutrição: Folhas novas cozinhadas. Etnomedicina: Infusão anti-inflamatória, tónica. Facilita gravidez e alivia dor do parto.	Guerra p.153: “fui à apanha da tanchagem /de avental arregaçado” Granet p.46: “Cueillons le plantain! ” Pound p.5: “Oh pick, pluck the thick plantain /here be seeds for sturdy men”. Tema da colheita de ervas medicinais.

ETNOBOTÂNICA

<p><i>Artemisia selengensis</i> Turcz. ex Bess.</p> <p>萹</p>	<p>Artemisia; abrotano</p> <p>Nutrição: Folhas e caules como condimento aromático. Etnomedicina: óleo essencial insecticida. Queima de ramos secos para fumigação ritual, aromática, propiciatória.</p>	<p>Guerra p.155: “As franças dos espinheiros/eu bem cortava p’ra lenha”. Granet p.98: “ au sommet de la broussaille / j’en voudrais cueillir les armoises”. Pound p.5: “I have piled high the kindling wood /and cut down sandal trees. Tema da recolha de feixes de lenha para o fogo ritual.</p>
<p><i>Vitex negundo</i> L.</p> <p>黄荆</p>	<p>Pimenteiro-silvestre; árvore-casta</p> <p>Verbenácea aromática, fonte de lenha. Afasta insectos e gorgulhos dos celeiros. Nutrição: condimento; flor melífera. Etnomedicina: decoção para banhos. Chá trata ansiedade e insónia.</p>	<p>Guerra p.329: “Quando a corrente se espraia/nem umas silvas carrega” Granet p.65: “Le faible courant du ruisseau /n’entraîne pas fagot d’épines!” Pound p.43: “Dashing waters untie not/the knot that binds a thorn fagot. Temas da colheita de lenha no outono. Tema das promessas de amor e fidelidade.</p>
<p><i>Catalpa fargesii</i> Bureau.</p> <p>灰楸</p>	<p>Catalpa</p> <p>Árvore de sombra, ornamental, simbólica. Madeira tonal para instrumentos de cordas. Alimento da larva da <i>Ceratonia catalpae</i>, que serve de isco para a pesca.</p>	<p>Guerra p.243: “mandou plantar e catalpas/mais sumagres para flautas”. Pound p.23: Planted abundantly/chestnuts and hazel tree/tung tree and varnish roots/whence wood to make ours lutes.” Tema da plantação; da construção após consulta dos astros.</p>
<p><i>Artemisia sieversiana</i> Ehrhart ex Wild.</p> <p>大籽蒿</p>	<p>Artemisia</p> <p>Nutrição: condimento. Etnomedicina: tisana tónica, estimulante do apetite. Óleo essencial anti-inflamatório. Molhos secos para o fogo ritual.</p>	<p>Guerra p.163: “vão à colheita do aipo/pelos lagos e ilhéus.” Granet p.144: “Je m’en vais cueillir l’armoise /sur l’étang et sur l’ecueil!” Pound p.7: Pluck the quince/to serve a Prince /by isle, and pool.” Tema das colheitas de primavera para uso ritual.</p>
<p><i>Pteridium aquilinum</i> (L) Kuhn. var. <i>latiusculum</i>(Desv.) Underw</p> <p>蕨</p>	<p>Feto-águia</p> <p>Nutrição: rebentos crus ou cozidos. Secos ou em conserva para alimento de inverno. Etnomedicina: anti-fúngico; repelente de insectos. Cinza fertilizante.</p>	<p>Guerra p.165: “Fui ao cabeço do sul cortar fetos”. Granet p.117: “Je gravis le mont du midi/et vais y cueillir la fougère!” Pound p.8: “I climb South Hill to pick the turtle-fern”. Tema da colheita nos montes; tema da inquietação amorosa.</p>
<p><i>Vicia sepium</i> Linn.</p> <p>野豌豆</p>	<p>Ervilha-brava; ervilhaca-do-lameiro</p> <p>Nutrição: Rebentos crus ou cozidos a vapor. Semente seca cozida. Forragem de alto valor nutricional. Melífera, atrai polinizadores.</p>	<p>Guerra p.165: “ Fui ao cabeço do sul a colher ervilha-brava”. Pound p.8: “ To climb South Hill to picking the jagged-fern/ and see no man, who shall not pin and yern?”. Tema das colheitas na ausência do amado.</p>
<p><i>Marsilea quadrifolia</i> L.</p> <p>蘋</p>	<p>Trevo-de-água; trevo de quatro-folhas</p> <p>Nutrição: saladas e sucos. Etnomedicina: infusão de rizoma e folhas anti-inflamatória. Antídoto para veneno de serpente.</p>	<p>Guerra p.167: “Nas margens do rio Cayn foi colher lentilhas de água”. Pound p.8: Some reeds be found by river’s brink/and some by catchit pool”. Tema das colheitas de plantas aquáticas para o ofertório ritual.</p>

<p><i>Hippuris vulgaris</i> L.</p> <p>藻</p>	<p>Cavalinha; rabos-de-égua</p> <p>Epiderme silicosa usada como lixa em marcenaria. Etnomedicina: compressas quentes da infusão tratam inflamação dos olhos. Estimula o metabolismo da pele.</p>	<p>Guerra p.167: “Nas margens do rio Cayn foi colher lentilhas d’água /e nas bordas dos paús fez apanha de agriões” Pound p.8: “Some reeds be found by river’s brink/and some by catchit pool”. Tema das colheitas para ofertório ritual.</p>
<p><i>Pyrus betulaefolia</i> Bunge</p> <p>杜梨</p>	<p>Sorveira</p> <p>Produz látex, gomas e vernizes. Madeira: uso em gravura, marcenaria, armas. Nutrição: flores secas moídas, assadas em bolos. Folhas cozidas em eras de carência.</p>	<p>Guerra p.169: “Dá boa sombra a sorveira/ não se corte nem se esgalhe!” Pound p.8: “Don’t chop that pear tree, don’t spoil that shade”. Granet p.60: “Il est un sorbier solitaire/qui pousse à gauche do chemin!” Tema dos encontros sob as árvores.</p>
<p><i>Prunus mume</i> Sieb. et Zucc.</p> <p>梅</p>	<p>Damasqueiro-da-China; umezeiro</p> <p>Floresce no fim do inverno, símbolo de resiliência. Nutrição: fruto aromatiza licores, geleias, molhos. Etnomedicina: “ameixa” seca e curtida em salmoura.</p>	<p>Guerra p.177: “As ameixas vão caindo/já só ficam sete em dez”. Granet p.49: “Voici que tombent les prunes”. Pound p.10: “O soldier, or captain/ Seven plums on the high bough”. Tema do cair da fruta; indica o fim da época convencional das bodas.</p>
<p><i>Imperata cylindrica</i> (Linn.) Beauv.</p> <p>白茅</p>	<p>Caníço-branco; imperato</p> <p>Rizomatosa têxtil, produz colmo, esteiras, sacos, abrigos, capas e chapéus de uso rural. Sustém a erosão. Nutrição: inflorescências e novas rebentos em época de crise alimentar</p>	<p>Guerra p.183: “Jaz no campo morto o gamo/de colmo a moça coberta”. Granet p.123: “Dans la plaine la biche est morte/d’herbe blanche envelopez-la!” Pound p.10: Lies a dead deer on younder plain/whom white grass covers”. Tema da caça; tema do convite e recusa.</p>
<p><i>Quercus dentata</i> Thunb.</p> <p>柞櫟</p>	<p>Carvalho</p> <p>Madeira para escultura. Lenha e carvão. Nutrição: bolotas torradas e moídas. Ração para gado. Etnomedicina: Infusão de casca antídoto para bagas e cogumelos venenosos</p>	<p>Guerra p.753: “Das frondosas azinheiras/p’ra fogo se tira lenha.” Granet p. 120: “Je suis monté sur la haute colline/ et j’y ai coupé des fagots de chêne!” Pound p.152: “Thik’ck oak, scrub oak men pile/for fagots.” Tema do corte de lenha; da consulta aos áugures; tema dos desbravadores.</p>
<p><i>Amelanchier sinica</i> (Schneid) Chun.</p> <p>唐棣</p>	<p>Nespereira-brava; pereira-brava.</p> <p>Abre e fecha a estação vegetal. Nutrição: fruto cru, seco, em compotas. Ornamental: flores, folhagem outonal. Madeirada cabos de alfaia e canas de pesca.</p>	<p>Guerra p.185: “Que árvore tão florida! / são as flores do cerejo”. Granet p.34: “N’est-ce pas une belle fleur/ la fleur du cerisier sauvage”. Pound p.11: “Plum flowers so splendid be/rolling, onrolling quietly”. Tema nupcial e da floração.</p>
<p><i>Prunus salicina</i> Lindl.</p> <p>李</p>	<p>Ameixieira</p> <p>Valor simbólico e estético da floração. Ícone do fim do inverno. Nutrição: Fruto fresco, seco, cristalizado ou em conservas. Etnomedicina: fruto digestivo, depurativo.</p>	<p>Guerra p.185: “que árvores tão floridas/são flores de ameixa [...]” Pound, p.11: “Flowers of plum abundantly /Heirss of P’ing, heir of Ts’i/ to their wedding right royally”. Granet, p.61: “Sur le tertre sont des pruniers!” Tema nupcial e da floração.</p>
<p><i>Erigeron acer</i> L.</p> <p>蓬</p>	<p>Aster-dos-velhos; margarida-dos-muros</p> <p>Ramos suspensos desinfestam habitações e celeiros. Folhas secas para fazer fogo por fricção. Fumigações de exorcismo e cura.</p>	<p>Guerra p.187: “por entre a selva a crescer/atira a cinco leitões”. Pound p.11: “Of five boneen he shot but one/ Green grow the rushes, oh! / White-Tiger is a true forester’s son”. Tema da caça e do ofertório ritual.</p>

ETNOBOTÂNICA

<p><i>Phragmites communis</i> (L.) Tr.</p> <p>蘆葦</p>	<p>Junco-branco; caniço-de-água</p> <p>Precioso abrigo para a biodiversidade. Plumas prateadas presentes na pintura e na poesia. Etnomedicina: rizoma em decocção.</p>	<p>Guerra p.187: “No canavial a crescer/atira a cinco javardos”. Pound p.11: “Of five wild pig he shoots but one/Green grow the rushes, Oh! White-Tiger is a true forester’s son.” Tema dos ofertórios rituais. Tema da caça.</p>
<p><i>Thuja orientalis</i> L.</p> <p>柏</p>	<p>Tuia; árvore-da-vida-chinesa.</p> <p>Conífera de madeira aromática repelente de traças; resiste ao apodrecimento. Uso em instrumentos musicais, barcos, remos. Etnomedicina: tintura, óleo, unguentos.</p>	<p>Guerra p.189: “Voga a barca de cipreste/flutuando na corrente.” Xu Yuanzhong p.11: “Un bateau de cyprès flotte au milieu/d’une rivière.” Granet p.97: “rames de cèdre!...barques en pin!” Tema da barca; madeira preciosa; dos encontros no rio.</p>
<p><i>Ziziphus jujuba</i> Mill.</p> <p>棗</p>	<p>Jujubeira; macieira-anáfega</p> <p>Nutrição: Fruto fresco ou seco, em chá, xarope, licor ou condimento. Etnomedicina: Propriedades imuno-estimulantes, tónicas.</p>	<p>Guerra p.203: “O bom vento lá do sul/dá nos brotos da jujuba”. Pound p.15: Soft wind from South to find/ what is in the thorn-tree’s mind”. Tema do ressurgir da vegetação.</p>
<p><i>Lagenaria siceraria</i> (Molina) Standly</p> <p>葫蘆</p>	<p>Cabaça; calabça</p> <p>Uso em instrumentos musicais e utensílios. Nutrição: estufados ou sopa de folhas amargas. Cabaças vazias: uso como bóias. Taças para libações do rito nupcial.</p>	<p>Guerra p.207: “ Tem folha amarga a cabaça/e vauz fundos tem o Tsei”. Pound p.16: “Bitter the gourd leaf, passed the high-water mark”. Granet pp.101-102: “La courge a des feuilles amères/le gué a de profondes eaux!”. Tema das cheias de primavera e das promessas nupciais.</p>
<p><i>Raphanus sativus</i> L.</p> <p>蘿蔔</p>	<p>Rabanete</p> <p>Nutrição: Raiz crua ou cozinhada. Espécie branca e suave, desenvolvida na China, conservada em lugar fresco faz parte das reservas vegetais para alimento de Inverno.</p>	<p>Guerra p.209: “Ao colher as mostardeiras/não se apanham pl’a raiz.” Pound p.16: “Gather feng gather fei/man can eat and live thereby”. Tema da chuva primaveril; das colheitas para as reservas de Inverno; dos encontros nas margens.</p>
<p><i>Brassica rapa</i> L.</p> <p>蔓菁</p>	<p>Rábano; nabo</p> <p>Nutrição: muitas subespécies comestíveis: rábano, nabo nabiça, mostarda, etc. Conservada em lugar fresco faz parte das reservas vegetais para alimento de inverno.</p>	<p>Guerra p.209: “Ao colher as mostardeiras “. Granet p.95: “Où cueille-t-on le navet? / c’est du coté Est de Mei!” Pound p.16: “Gather feng gather fei/man can eat and live thereby”. Tema dos encontros nas margens; das colheitas; tema da bela dama.</p>
<p><i>Sonchus oleraceus</i> L.</p> <p>苦</p>	<p>Serralha</p> <p>Nutrição: Chicorácia, erva amarga de uso ritual. Etnomedicina: Infusão sedativa, anti-inflamatória tónica do sistema nervoso. Forragem.</p>	<p>Guerra p.211: “Será que amarga a serralha? /sabe à bolsa-do-pastor!” Pound p.16: “Who saith now the thistle scratches? /Soft as a shepherd’s-purse that matches.” Tema da cheia dos rios; das colheitas; dos encontros nas margens.</p>

<p><i>Capsella bursa-pastoris</i> (L.) Medic.</p> <p>芥</p>	<p>Bolsa-de-pastor; capsela</p> <p>Nutrição: folhas novas cozidas ou em salada. Semente é alimento de recurso. Etnomedicina: antiga panacea. Infusão da planta fresca ou seca é tónico primaveril.</p>	<p>Guerra p.211: “Será que amarga a serralha? /s abre à bolsa-do-pastor!” Pound p.16: “Soft as a shepherd’s-purse that matches/your new leman feasts with you/in full joy as brothers do.” Tema da enchente dos rios; das colheitas; dos encontros nas margens.</p>
<p><i>Glycyrrhiza uralensis</i> Fisher.</p> <p>甘草</p>	<p>Alcaçuz; regaliz</p> <p>Etnomedicina: uma das ervas fundamentais da medicina chinesa. A raiz trata a tosse; com genciana alivia o calor dos intestinos.</p>	<p>Guerra p.219: “No monte dão-se aveleiras/nas várzeas o alcaçuz”. Pound p.18: “Hazel on hill, mallow in mead/West country men for prettiness, who guessed?” Tema das danças comunitárias nos campos férteis.</p>
<p><i>Corylus heterophylla</i> Fisch.</p> <p>榛</p>	<p>Aveleira-siberiana</p> <p>Nutrição: noz crua ou cozida; óleo. Noz alimenta esquilos. Etnomedicina: noz digestiva, estimulante do apetite.</p>	<p>Guerra p.219: “No monte dão-se aveleiras/nas várzeas o alcaçuz”. Pound p.18: “Hazel on hill, mallow in mead”. Tema da consulta dos astros, da construção e apropriação da terra fértil.</p>
<p><i>Tribulus terrestris</i> L.</p> <p>蒺藜</p>	<p>Abrolhos</p> <p>Etnomedicina: incrementa vitalidade, líbido, fertilidade. Trata exaustão, males do fígado, cardiovasculares. Uso cauteloso. Uso na Grécia Antiga como estimulante sexual.</p>	<p>Guerra p.235: “Crescem cardos na parede/que ninguém pode tirar/o que é dito nas alcovas/não é fácil relatar”. Pound p.21: “there is no shame in the things they say in the harem/So pull not the vine away.” Tema das relações interditas.</p>
<p><i>Cuscuta chinensis</i> Lam.</p> <p>菟絲子</p>	<p>Cuscuta</p> <p>Liana parasita. Etnomedicina: panacea citada no <i>Shen Nong Ben Cao Jing</i>. Chá estimulante, analgésico anti-inflamatório, afrodisíaco, tonificante.</p>	<p>Guerra p.239: “Ao apanhar a cuscuta/nos arrabaldes de Moey”. Granet p.95: “Où cueille-t’on la cuscute? /c’est dans le pays de Mei! “ Pound p.22: “to gather the ‘gold thread’ south of Mei”. Tema das colheitas; dos encontros nas margens.</p>
<p><i>Morus alba</i> L.</p> <p>桑</p>	<p>Amoreira-branca.</p> <p>Folhas: alimento do bicho-da-seda. Elo da actividade social, artística e produtiva da cultura da China. Nutrição: fruto fresco. Etnomedicina: tisana anti-oxidante.</p>	<p>Guerra p.239: “esperou-me às amoreiras convidou-me a sua casa”. Granet p.48: “les filles [...] vont prendre aux mûriers la feuille tendre.” Pound p.22: “Mid the mulberry tree of Sang Chung”. Tema da ausência, da fidelidade e do vigor da flora.</p>
<p><i>Triticum aestivum</i> Linn.</p> <p>麥</p>	<p>Trigo-comum</p> <p>Nutrição: Cereal alimentar conhecido na Ásia desde a pré-história. Cultivado na China desde há 4 000 anos. Simboliza fertilidade, prosperidade, labor comunitário.</p>	<p>Guerra p.239: “Enquanto eu apanho espigas/à banda norte de Moey”. Granet p.95: “Où cueille-t’on le froment? /c’est du coté nord de Mei! Pound p.22: “To take in wheat crop, north of Mei”. Tema da colheita dos cereais e da prosperidade.</p>

ETNOBOTÂNICA

<p><i>Castanea mollissima</i> Bl.</p> <p>栗</p>	<p>Castanheiro-chinês</p> <p>Nutrição: castanhas doces de alto valor alimentar. Produção de madeira e lenha. Etnomedicina: decoção de cápsulas trata diarreia, desidratação, vômitos.</p>	<p>Guerra p.325: “No souto da Porta-Leste/Há uma fileira de casas”. Granet p.58: “Aux chatâgniers porte de l’Est/voilà ou sont les maisons basses! “ Pound p.23: “planted abundantly/ chestnut”. Tema dos encontros fora de portas; da separação.</p>
<p><i>Catalpa bungei</i> C. A. Mey.</p> <p>楸</p>	<p>Catalpa-da-manchúria</p> <p>Ornamental, belas flores em cacho. Madeira para blocos de impressão, jogos, escultura, tabuleiros, recipientes. Etnomedicina: cataplasma de casca e folhas trata feridas.</p>	<p>Guerra p.243: “Aveleiras, Castanheiros, /mandou plantar, e catalpas”. Pound, p.23: “planted abundantly/chestnut and hazel tree/tung tree and varnish roots”. (Cf. Pessanha, <i>Oito elegias chinesas</i>, nota 37, RC, 1995, p.227). Tema da consulta dos astros, da construção e apropriação da terra.</p>
<p><i>Paulownia fortunei</i> (Seem.) Hemsl.</p> <p>桐</p>	<p>Árvore-da-fênix</p> <p>Madeira boa para instrumentos de música, <i>guqin</i>, <i>guzheng</i>, <i>pipa</i>, <i>gayageum</i>. Néctar de flores atrai polinizadores. Casca dá corante.</p>	<p>Guerra p.243: “Aveleiras, castanheiros /mandou plantar, e catalpas”. Pound p.23: “planted abundantly/chestnut and hazel tree “. Tema da consulta dos astros, da construção e apropriação da terra fértil.</p>
<p><i>Catalpa ovata</i> G. Don.</p> <p>梓</p>	<p>Catalpa-chinesa</p> <p>Ornamental, simbólica. Etnomedicina: tisana laxativa, sedativa leve. Cataplasma de casca e folhas trata malária, infecções, picadas de serpente.</p>	<p>Guerra p.243: “Aveleiras, Castanheiros /mandou plantar, e catalpas/mais sumagres para flautas”. Pound p. 23: “Tung tree and varnish roots/whence wood to make our lutes”. Tema da consulta dos astros, da construção; do cultivo da terra fértil.</p>
<p><i>Rhus verniciflua</i> Stokes</p> <p>漆</p>	<p>Árvore-da-laca; sumagre</p> <p>Arte da laca; recipientes, caixas. Verniz para instrumentos de música. Etnomedicina: tisana desparasitante de folhas. cataplasma cicatrizante de sementes e resina.</p>	<p>Guerra p.243: “Aveleiras, Castanheiros, /mandou plantar, e catalpas/mais sumagres para flautas”. Pound p.23: “tung tree and varnish roots/whence wood to make our lutes”. Tema da consulta dos astros; da construção; apropriação da terra fértil.</p>
<p><i>Fritillaria cirrhosa</i> D. Don</p> <p>川貝母</p>	<p>Fritilária-dos-Himalaias</p> <p>Etnomedicina: bolbo comestível; seco trata tosse, asma brônquica, pneumonia, febres. Em vias de extinção pela incessante procura.</p>	<p>Guerra, p.251: “Por essas belas montanhas/colheria a fritilária”. Pound p.26: “ I climb the cornered hill seeking the heart’s ease”: Tema da viagem em carruagem; da inspeção das terras.</p>
<p><i>Polygonum aviculare</i> L.</p> <p>竹</p>	<p>Sempre-verde; corriola-bastarda</p> <p>Contém taninos. Etnomedicina: trata problemas de vesícula, icterícia, bronquite, pedras nos rins.</p>	<p>Guerra p.255: “ Aquelas curvas do Ge/e seus bambus verdejantes”. Pound p.26: “Dry in the sun by coner of K’i/ green bamboo, bole over bole”. Tema do elogio do Príncipe.</p>

<p><i>Arthraxon hispidus</i> (Thunb.) Makino.</p> <p>藎草</p>	<p>Relva hirsuta</p> <p>Gramínea invasiva, aparece por vezes associada à cultura do arroz e do chá.</p> <p>Pastagem de fraca qualidade, indica pouca fertilidade dos solos</p>	<p>Guerra p.717: “às vagens toda a manhã/não enchi as duas mãos”. Pound p.40: “The morning’s over and I have picked less/than a hand ful of green lu grass. My hair is tangle, I’d better go wash.” Tema dos deveres da esposa ausência do esposo.</p>
<p><i>Triarrhena sacchariflora</i> (Maxim.) Nakai.</p> <p>荻</p>	<p>Erva-prata-da-china; pluma de prata</p> <p>Ornamental, simbólica. Colmo para tectos, sacaria. Adubo orgânico após queimadas. Etnomedicina: suco de caules novos dispersa venenos.</p>	<p>Guerra p.261: “Espraia-se o vasto rio/a corrente rumo ao norte [...] / Crescem viçosas as canas “. Pound p.28: “Kiang dames’s high hair-dos flashing bright /above the cortège’s armèd might.” Tema da bela dama compando com as perfeições da natureza.</p>
<p><i>Juniperus chinensis</i> L.</p> <p>圓柏</p>	<p>Zimbro; genebreiro-chinês</p> <p>Madeira preciosa, simbólica. Etnomedicina: bagas eliminam parasitas da pele. Resina em cataplasmas trata reumatismo.</p>	<p>Guerra p.269: “Barcos de pinho no Ge/remos de cedro a remar”. Pound p.30: “Oars (and are they of juniper?) lift and fall in the K’i”. Tema da separação e da travessia do rio.</p>
<p><i>Phyllostachys bambusoides</i></p> <p>Sieb. et Zucc.</p> <p>竹</p>	<p>Bambu</p> <p>Construção, artefactos, barcos, mobiliário, utensílios, flautas, cabos de pincel, papel para queima ritual... Elemento essencial na paisagem, literatura e pintura. Nutrição: rebentos novos.</p>	<p>Guerra p.269: “Fina cana de bambu/ com que se pesca no Ge/julgas que eu não penso em ti?”. Granet p.97: “Les tiges de bambu si fines/c’est pour pecher dedans la K’i! “ Pound p.28: “slim poles to fishin the K’i/but no bamboo long/enough to reach you”. Temas do passeio na beira-rio ou de barco.</p>
<p><i>Pinus tabulaeformis</i> Carr.</p> <p>松</p>	<p>Pinheiro-vermelho-chinês</p> <p>Produz madeira para construção, barcos, pilares, traves. Produz resina, corante e terebintina. Etnomedicina: uso do óleo essencial como insecticida.</p>	<p>Guerra p.269: “ Barcos de pinho no Ge/ramos de cedro a remar”. Granet p.97: “Rames de cèdre! barques en pin”. Pound p.30: “In my mind’s eyes the pine boat swerves/as I drive in the park”. Tema do barco, da pesca e das ligações exógamias.</p>
<p><i>Metaplexis japonica</i> (Thunb.) Makino</p> <p>蘿摩</p>	<p>Batata-rugosa</p> <p>Da semente pendem longos fios sedosos. Nutrição: folhas novas, raiz, frutos, cozidos e em conserva. Etnomedicina: pericarpo seco trata tosse e tonturas. Caule e raiz tratam mordedura de serpente.</p>	<p>Guerra p.271: “Quais hastes de trepadeira/é donzel de estilo à cinta/ traz as fitas a caírem-lhe”. Pound p.30: “Feeble as a twig stalk/ with a spike so big/in is belt, but know us he does not/ Should we melt/at the flap of is sash ends?” Tema do simbolismo da indumentária.</p>
<p><i>Hemerocallis fulva</i> (L.) L.</p> <p>萱草</p>	<p>Lírio-de-um-dia</p> <p>Nutrição: tubérculos cozidos. Flores, folhas e rebentos cozinhados ou crus. Botões florais consumidos secos, em conserva ou sopas.</p>	<p>Guerra p.275: “Flor do olvido, onde a haverá? /p’ra plantar ás escondidas.” Granet p.48” Où trouver la plante d’oublie? /j’en planterai derriere la maison.” Pound p.31: “How shall I find forgetting-grass/to plant when the moon is dark”. Tema da separação.</p>

ETNOBOTÂNICA

<p><i>Chaenomeles sinensis</i> (Thouin) Koehne.</p> <p>木瓜</p>	<p>Marmeleiro-chinês</p> <p>Nutrição: Fruto aromático consumido cozido ou em compota. Suco bebido com gengibre, em xarope ou em licor. Madeira dura, de cor vermelho-escuro.</p>	<p>Guerra p.277: “Jogou-me uma papaia/tornei-lhe um jade”. Granet p.61: Celui qui me donne des coings/je le paierai de mes breloques.” Pound p.32: “Gave me a quince a beryl my cover/not as a swap, but to last forever.” Tema do penhor de amor.</p>
<p><i>Chaenomeles cathayensis</i> (Hemsl.) Schneid</p> <p>毛葉木瓜</p>	<p>Marmeleiro-do-oeste</p> <p>Floração branca ou rosa, ornamental. Uso em sebes espinhosas. Nutrição: fruto duro, adstringente, consumido em marmelada licores, conservas.</p>	<p>Guerra p.277: “atirou-me com um pêssego/eu tornei-lhe um jade verde/ Não foi paga [...] mas pe- nhor de eterno amor”. Granet p.61: “qui me donne des pêches”. Pound p.32: “For a peach trown me, let green gem prove”. Tema do penhor de amor.</p>
<p><i>Cydonia oblonga</i> Mill.</p> <p>榲桲</p>	<p>Marmeleiro-comum</p> <p>Nutrição: Fruto cru, compotas ou geleias. Etnomedicina: previne ou trata diabetes, úlceras, infecções respiratórias.</p>	<p>Guerra p.277: “Atirou-me com uma ameixa”. Granet p.62: “Celui qui me donne des prunes/je le paierai de diamants”. Pound p.32: “For a plum trown me”. Tema do penhor de amor.</p>
<p><i>Panicum miliaceum</i> L.</p> <p>稷</p>	<p>Milho painço</p> <p>Nutrição: grão cozido ou em farinha, com outros cereais, em pão ou papas. Frito e junto ao chá com leite forma o <i>Süütei tsai</i>. Alimenta aves de capoeira.</p>	<p>Guerra p.279: “Olha as regras do painço” (x3) Guillermaz pp.45-46: “Là le millet Shu se courbe/ Là le millet Tsi en pousses vertes”. Pound p.32: “Black millet heeds not shaggy sprout”. Tema do cultivo dos campos e da prosperidade.</p>
<p><i>Typha latifolia</i> L.</p> <p>蒲</p>	<p>Atabua; tábua-larga</p> <p>Nutrição: rebentos, medula dos talos, raiz amídosa, espigão floral, e pólen consumidos em épocas de fome. Fibra: abrigos, capas e chapéus para o trabalho rural.</p>	<p>Guerra p.287: Quando se espriam as águas/nem juncos elas carregiam”. Pound p.34: “Freshets float no osier here/nor can she guard Shen frontier.” Tema da interrupção do correio aquático. (Pound refere a lenda de Tristão e Isolda)</p>
<p><i>Leonurus sibiricus</i> L.</p> <p>益母草</p>	<p>Agripalma-siberiana; rubim</p> <p>Nutrição: flores melíferas. Etnomedicina: infusão de folhas e flores trata tosse, febre, bronquite. Interditada a grávidas.</p>	<p>Guerra p.289: “Olha a agripalma nos vales /resse-quida até mais não!” Pound p.35: “Dry grass in vale: ‘alas!/I met a man. ‘Scorched, alas, ere it could grow/A lonely girl pours out her woe.” Tema da separação; da dama solitária.</p>
<p><i>Artemisia argyi</i> Levl. et Van.</p> <p>艾</p>	<p>Artemisia-chinesa.</p> <p>Faz parte das ofertas rituais. Etnomedicina: estimulante digestivo, anti-fúngico, anti-inflamatório. Trata eczema, inflamações.</p>	<p>Guerra p.295: “ Ando na apanha do absinto/cada dia que não o vejo/dir-se-iam tres longos anos.” Granet p.46: “Il cueille l’ absinthe/un jour sans le voir/me semble trois ans.” Pound p.36: “Reaping the tall grass hear my song”. Tema da ausência.</p>

<p><i>Artemisia subdigitata</i> Mattf. 牛尾蒿</p>	<p>Artemisia</p> <p>Etnomedicina: aplicação tópica de óleo essencial trata picadas de insecto. O aroma age como insecticida. Fumigações rituais.</p>	<p>Guerra p.525: “Na frondosa e alta artemisia/caíram gotas de orvalho”. Granet p.46: “Il cueille l’armoise!” Pound p. 36: “Stripping the southernwoods, hear my song;/a day without him is three autumns long.” Tema do fim do inverno, das colheitas e da ausência.</p>
<p><i>Cannabis sativa</i> L. 麻</p>	<p>Cânhamo</p> <p>Cultivo e tecelagem desde as comunidades do Neolítico. Uso do tecido cru no traje de luto. Óleo de semente: uso em lamparinas, lacas, tintas. Etnomedicina: tisana de efeito sedativo suave.</p>	<p>Guerra p.299: “Cresce o linho no cabeço/convidei o Leo Tsehtsae/a vir cá espaiarecer.” Granet p.61: “Sur le tertre il y a du chanvre/et c’ est là que reste Tseu Tsie!” Pound p.37: “Hemp on hill/tell me, pray:/ what keps young Tsy Tsie away?” Tema do passeio no bosque; da celebração no fim das colheitas.</p>
<p><i>Salix matsudana</i> Koidz. 旱柳</p>	<p>Salgueiro-de-Pequim</p> <p>Boa madeira. Uso em cestaria das astes flexíveis. Nutrição: rebentos cozidos; medula seca e moída junta a cereais em época de fome. Etnomedicina: analgésico, antipirético, antireumático.</p>	<p>Guerra p.303: “ Não passe p’la minha porta/nem vergue os meus salgueiros”; Granet p.73: “ô seigneur Tchong/ne saute pas dans mon village/ne casse pas mes plants de saule!” Pound p.37: “Hep-Cat Chung, ‘ware my town/don’t break my willows down.” Tema da exogamia; dos encontros secretos.</p>
<p>a) A coluna “Nome científico” tem como fonte binómios latinos na obra do botânico Fujun Pan, 詩經植物圖鑑 <i>Shi jing zhi wu tu jian</i>, Mao Tou Ying, Taipei, 2001. Nomes em caracteres, <i>idem</i>, e em Flora of China @ efloras.org.</p> <p>b) Na coluna “Nomes comuns”, os usos indicados em etnomedicina não pretendem ter eficácia terapêutica comprovada, sendo anotados como exemplos de antigos hábitos fitoterapêuticos.</p> <p>c) Na coluna “Versões literárias” as espécies vegetais citadas têm como fontes as seguintes versões:</p> <p>Pe. Joaquim A. Guerra, <i>Livro dos Cantares. She Keng</i>, Jesuítas Portugueses, Macau, 1979;</p> <p>Marcel Granet, <i>Fêtes et chansons anciennes de la Chine</i>, Albin Michel, Paris, 1982;</p> <p>Ezra Pound, <i>Shih-Ching, The Classic Antology defined by Confucious</i>, Harvard Paperback, Cambridge, 1976.</p> <p>Incidentalmente, versões de Patricia Guillermez e de Xu Yuanzhong.</p> <p>Nota:</p> <p>Desta tabela, onde constam 135 espécies vegetais, são publicadas as quatro primeiras páginas, que correspondem a 59 plantas, por impossibilidade de publicação na íntegra devido à sua extensão.</p>		